

A velhice e o sentimento de solidão

Milena Vieira da Silva (UNEMAT)¹

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre a obra *Sobre os ossos dos mortos*, de Olga Tokarczuk. Nele destacamos como os idosos são subestimados, e como deveríamos valorizá-los, pela riquíssima experiência de vida. Mostrar ao leitor que todo julgamento feito aos mais velhos, só está relacionado ao próprio vazio que já existe em sua vida, que é aflorado na velhice, baseado na personagem central Janina Dusheiko. Para isto, usaremos autores como Anderson (1999), Elias (1982), Gonçalves (2012), entre outros. No desenvolvimento da reflexão, foi possível compreender que o espaço e os pensamentos da personagem, contribuem para a construção da obra, em que apenas ao final descobrimos o mistério que a repercute.

Palavra-chave: Romance; Solidão; Velhice; Experiência; Mistério.

Abstract: This article proposes a reflection on the work *On the bones of the dead*, by Olga Tokarczuk. In it we highlight how the elderly are underestimated, and how we should value them, due to the rich experience of life. Show the reader that any judgment made to the elderly is only related to the very emptiness that already exists in their lives, which is touched on in old age, based on the central character Janina Dusheiko. For this, we will use authors such as Anderson (1999), Elias (1982), Gonçalves (2012), among others. In the development of the reflection, it was possible to understand that the character's space and thoughts contribute to the construction of the work, in which only at the end do we discover the mystery that resonates.

Keywords: Romance; Loneliness; Old age; Experience; Mystery.

Introdução

A obra *Sobre os ossos dos mortos* (2019) de Olga Tokarczuk vencedora do prêmio Nobel de Literatura de 2019, com uma reimpressão pela editora Todavia, que teve muito cuidado em trazer a capa e contracapa chamativas para os assuntos que ocorrem dentro da obra, enfatizando as mortes que gera o mistério principal na leitura, a qual podemos remetê-la ao romance policial, usando a personagem

¹ Graduanda no curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus de Pontes e Lacerda. Artigo elaborado à disciplina de Literatura Brasileira II vinculada ao Departamento de Letras – Campus de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Madalena Machado, como requisito parcial para a obtenção da aprovação na disciplina.

principal como narradora, e assim poderemos conhecê-la mais a fundo quando esteticamente a autora cuida em dar dois espaçamentos para mostrar que Janina Dusheiko está pensando ou quando muda a situação, além do título ser muito instigante e só com o decorrer da leitura percebemos o seu significado e semelhança com as imagens da capa e contracapa.

O romance aborda questões reflexivas, mas com uma forma de aventura, mistérios e surpresas, trazendo para o leitor, a oportunidade de se autoavaliar perante suas atitudes no mundo. Uma dessas questões bastante frisada por Tokarczuk seria a maneira como as pessoas tratam os idosos, e mais que isso, como esses idosos (aposentados) são solitários, partindo para o questionamento que com o passar dos anos as pessoas são condicionadas pela solidão. Podemos perceber esses questionamentos através da personagem central da obra Dona Janina Dusheiko -sendo uma pessoa que não tem família, é solitária, tenta de todas as formas chamar a atenção das pessoas em sua volta sobre os crimes que estavam ocorrendo na floresta de Klodzko, mas ninguém lhe dá atenção, nem mesmo as autoridades, isso tudo por ela já ser idosa. E os personagens terceiros que acompanham Janina- estes que tornam sua família também estão solitários e nem todos tão velhos assim como ela, que pelo condicionamento da idade ela até esquece seus feitos das noites passadas.

Observamos como as pessoas deixam de lado as experiências que as pessoas vividas têm, e que os conselhos dessas pessoas são tão valiosos para uma vida abundante, mas mesmo assim, acham que elas são imprestáveis para o mundo, vale mais do que parar e escutá-las, e tudo o que elas querem é serem ouvidas, enfatizando ainda mais a essência contemporânea presente na obra.

Desse modo, na intenção de frisar reflexões encontradas na obra de Olga Tokarczuk, que é o condicionamento das pessoas para a solidão, algo praticamente vivido por todo ser vivo, e com o intuito de abranger os leques das possibilidades assim entendidas em obras contemporâneas como *Sobre os ossos dos mortos*, temos a oportunidade de ressaltar os sentidos maiores da obra com base em livros como *As origens da pós-modernidade* (1999) de Perry Anderson, que nos ajudará a entender o porquê da obra escrita por Tokarczuk ser contemporânea que a levou a ser a vencedora do prêmio Nobel de Literatura em 2019.

Também para entendermos mais a fundo *Sobre os ossos dos mortos*, traremos uma dissertação de Mestrado de uma aluna da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) que aborda a temática “Solidão e autoconhecimento em Lygia Fagundes Telles: A velhice na berlinda” (2012), essa dissertação está voltada para uma análise de outra obra, mas que por consequência também se aplica para um melhor entendimento da essência extraída do livro de Olga Tokarczuk.

E para englobar na centralização do tema proposto, como o condicionamento das pessoas mais velhas para a solidão, entraremos na teoria de Norbert Elias sobre *A solidão dos moribundos seguido de envelhecer ou morrer* (1982) para ressaltar mais uma vez as reflexões contidas nas críticas que a autora enfatiza, mas não explicitamente, como sendo uma condição dos textos contemporâneos, isto é, não dizem tudo, porque

O espaço é a marca da nova história e a medida de trabalho agora adotada é a profundidade da percepção de espaço, na medida em que o espaço informa os objetos e contém, em antítese com o tempo, segredos de uma humanista despojada dos limites contemporâneos [...] O homem como objeto [...] (Anderson, 1999, p. 13-14).

Por conseguinte, entendemos o papel do narrador usado por Janina Dusheiko, para que assim, possa tocar o leitor usando a sua vivência como motivo, pois com sua narração cria-se compaixão para com ela, desde que nos vimos em sua vida, refletimos como se fosse nós passando pela mesma solidão, e enxergar as hipocrisias que praticamos sem perceber, deixando esses seres providos de experiências e saberes excluídos, pautando a subjetividade humana nesse livro, percebida pelas atitudes dos personagens secundários em relação a Janina.

2 A visão do envelhecimento

A obra de Olga Tokarczuk faz pensar nas hipocrisias impregnadas na sociedade, centralizando o senso comum que o pós-modernismo crítica, já que antes existia uma única possibilidade a ser seguida, no caso estereótipos saturados

pela igreja ocidental, cujo, “o convite de sucessivas *intelligentsias* fora do Ocidente a dominar os segredos da modernidade e voltá-los contra o mundo ocidental” (Anderson, 1999, p. 11). Destarte, possibilitaria ao homem pensar por si só e agir conforme sua índole, então a obra *Sobre os ossos dos mortos*, traz essa essência da pós-modernidade, mostrando as inúmeras possibilidades de vida e sentidos que o homem pode encontrar, mas que mesmo com a liberdade de expressão, percorre caminhos ainda estereotipados sem indagar e buscar além. E isso, causa repugnância em Janina, que mostra quando ela vai à igreja e percebe as pregações que são feitas, sendo que os próprios “pregadores” não fazem jus a suas falas, como ela mesma diz, “as pessoas são capazes de entender apenas aquilo que inventam para si mesmas e é com isso que se alimentam” (Tokarczuk, 2019, p. 213), ou seja, perseveram tanto em frisar a invalidade dos velhos que eles acabam acreditando e se vendo desta maneira.

A narrativa desperta emoções como compaixão e solidariedade para com Janina e também para com os personagens secundários, visando mostrar como as pessoas precisam de companhia, porque a solidão sendo sua aliada na velhice por exemplo, pode começar a se comunicar com o indivíduo, fazendo que tome atitudes desprovidas das moralidades impregnadas na sociedade e que podem acarretar consequências irreversíveis. E isso fica notório quando a Sra. Janina Dusheiko, se torna justiceira conforme as suas verdades, já que ninguém a ouvia, então ela mesma teve que tomar as providências, para que, em segredo, virasse a mão castigadora da justiça. Não só das corças, mas de outros animais também [...]” (Tokarczuk, 2019, p. 235). E fazer justiça para aqueles que eram seus verdadeiros aliados e amigos, os animais e suas cachorras, que foram mortas por ignorância humana.

Adicionalmente essa falta de valorização para com pessoas mais velhas, podemos inserir o conto de Clarice Lispector “Feliz aniversário”, que mostra também esse lado da velha esquecida, lembrada somente em seu aniversário, mas não para comemorar mais um ano de vida, mas sim celebrar que “a velha” ainda está viva. E ela ao indagar como falhou na criação de seus filhos, netos e bisnetos, “indagava-se a velha nas suas profundezas” (Lispector, 1960, p. 62) todos se assustam, contestam o porquê uma senhora fala algo dessa forma e começam a ir embora dizendo “até o ano que vem [...] Olhou-a, orgulhoso da artimanha da

velha que espertamente vivia mais um ano” (Lispector, 1960, p. 66). A indignação maior é que essa senhora, nem nome tem, é conhecida como “a velha” e ainda assim com descaso, mostrando que essas situações podem acontecer com qualquer ser quando chega à velhice.

Conquanto, entendemos essa necessidade das pessoas mais velhas em mostrar seu valor, mesmo que sem tanta vitalidade e disposição, e seus olhares mais aguçados para os detalhes da vida, como Janina Dusheiko ressalta a beleza da natureza composta pelos animais, estes “mostram a verdade sobre um país” (Tokarczuk, 2019, p. 99), fazendo relação com o trecho de duas páginas anteriores, “que grande e cheio de vida é o mundo” (Tokarczuk, 2019, p. 97), ou seja, ressalta a crítica de obras contemporâneas que usa questões rotineiras ao abrir o leque das possibilidades, mostrando ao homem que maltratar os animais, não adiantará o levantamento de “bandeira”, se não faz o mínimo que é respeitar qualquer ser vivo. Mesmo os idosos querem mostrar eficiência em seus afazeres, eles começam a entender e olhar o mundo com mais profundidade e calma, entendendo que não precisam de muitos anos de vida a mais, já que a gama de experiências é o suficiente para ser uma pessoa sábia.

O trecho da obra *Sobre os ossos dos mortos* da página 138, expressa o seguinte: “E meu cabelo branco, cujos átomos preservam a memória dos primórdios da vida, da catástrofe cósmica que deu início ao mundo” (Tokarczuk, 2019), fazendo relação com a dissertação de Mestrado da autora Ediliane Gonçalves, “vive da nostalgia de experiências que o fizeram feliz no passado, se recusa a viver na pálida monotonia do agora” (Gonçalves, 2012, p. 28). Isto é, entendem que não têm tanta disposição para o trabalho e começam a viver relembando o passado, e por isso, eles querem atenção, para que possam compartilhar os momentos marcantes e memoráveis que restaram.

A proposta da obra de Olga Tokarczuk, provoca uma percepção de rivalidade entre pessoas mais novas contra as pessoas mais velhas, já que as mais velhas colocam à mercê suas experiências de vida, enquanto as mais jovens acham que sabem de tudo e acreditam que os conselhos de seus antecessores estão desatualizados do mundo atual, mas que se analisarmos, a Bíblia sendo extremamente antiga, têm seguidores e conselhos contidos dentro dela que até

para quem não a seguem, servem para sua vida pessoal. E Norbert Elias destaca que, “em nome do objetivo de se proteger da destruição, grupos de pessoas ameaçam outro grupo de destruição” (Elias, 1982, p. 10). E assim, percebemos que, há a exceção do amigo de Janina, o tradutor que é bem mais novo que ela, existe uma amizade, um respeito, não há conflito de gerações entre os dois.

Ademais, entendemos o valor impagável que as pessoas mais velhas têm, mesmo a maioria e nem elas mesmas dando o mérito necessário, sempre tentando apagá-las e ignorando os saberes que cada uma carrega, perceptivelmente incomparável com um saber de um jovem, não o menosprezando, mas nada mais prazeroso que escutar e apreciar o relato de uma pessoa que viveu incansáveis anos de lutas.

3 Solidão ou solitude

De acordo com Norbert Elias (1982) “o conceito de solidão inclui também uma pessoa em meio a muitas outras para quais não tem significado, para quais não faz diferença sua existência, e que romperam qualquer laço de sentimentos com ela” (p. 75). Com isso, podemos entender que a solidão ressaltada anteriormente, e que é focalizada centralmente na nossa discussão, tem por definição a solidão interior da personagem, isto é, percebemos que Janina Dusheiko é cercada de vizinhos (principalmente no verão), alguns amigos que ela fez durante sua vida como Esquisito que se tornou o seu ajudante nas buscas das causas das mortes na floresta Klodzko, Dionísio que a visitava frequentemente para que eles traduzissem Blake, e pessoas que ela procurava chamar a atenção como os policiais da cidade, mas que mesmo sendo rodeada de pessoas, quando ela retornava para sua casa, a solidão mais uma vez lhe atormentava, fazendo que ela tivesse alucinações com sua mãe e avó já mortas, “de manhã tive aquele sonho outra vez. Desci até o porão e elas estavam lá- minha mãe e minha avó. [...] Desviaram o olhar quando comecei a repreendê-las.” (Tokarczuk, 2019, p. 189). Por isso, tanto o conceito de solidão atribuído por Elias e enfatizado na obra de Tokarczuk, mostram esse lado da solidão individual que cada ser carrega consigo, pois podemos estar rodeados de inúmeras pessoas, mas que por falta de intimidade, não ficaremos totalmente à vontade para compartilhar nossas

fraquezas. Essa reflexão esplanada pela autora, pauta a contemporaneidade contida em *Sobre os ossos dos mortos* quando Perry Anderson explica que o pós-moderno

No seu apelo à emancipação do vulgar e à liberação dos instintos, como um eco prudentemente despolitizado da insurreição estudantil da época, que, ao contrário, não se poderia certamente se considerar indiferente à história (1982, p.19).

Por conseguinte, identificamos que a pós-modernidade veio para quebrar paradigmas e mostrar um lado considerado obscuro para muitos da época anterior (modernidade, 1922-1930) ao pós-moderno, que não concordavam na liberdade tanto para criar alguma obra, quanto para interpretá-la, por isso, que passa anos e anos, e um clássico literário “é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 1993, p. 11), pois a partir da pós-modernidade temos a liberdade em apreciar a obra conforme nossas necessidade individuais, que podem colaborar para a não solitude, mesmo que vivendo só, mostrando a importância e o valor de uma boa literatura.

E percebemos como Olga Tokarczuk, trabalha a sua liberdade em criticar usando formas subliminares, mas direta para falar com o leitor, usando a personagem principal como narradora, para que enxerguemos com seus olhos as questões que deveriam ser pautadas na sociedade, mas estão esquecidas, como o esquecimento dos “velinhos”, fazendo se sentirem inferiores e sem espaço no mundo em que vivem. “São considerados inúteis, não se enquadram aos padrões exigidos e são separados, cortados dessa ‘nova ordem’ (Gonçalves, 2012, p. 101), fazendo que muitos desejem a morte, já que sentem que estão incomodando e atrasando a vida pessoal de seus cuidadores, ressaltando mais uma vez que a solidão vai além de estar rodeado de pessoas.

Mas por consequência, Janina sendo acompanhada por sua solitude, transmite uma sensação de satisfação em chegar em um momento da vida, a qual já se espera a morte, onde ela valoriza momentos que uma pessoa cheia de vitalidade não aprecia, como uma bela recordação de uma vida inteira, “começaram a passar diante de meus olhos. E assim como acontece com as

lembranças, tudo nelas parecia melhor, mais belo e mais feliz do que na realidade.” (Tokarczuk, 2019, p. 153), porque “daí vemos transbordar as questões humanas vividas pelos habitantes ficcionais da literatura, em que as verdades do homem se desnudam sem mistério” (Gonçalves, 2012, p. 27). Mostrando assim, o tamanho crédito que se deve dar a esses indivíduos avançados na idade, porque ninguém será melhores contadores de histórias e conselheiros do que alguém que já viveu tanto.

“Alguns podem olhar para sua morte com serenidade, outros com um medo intenso e constante, muitas vezes sem expressá-lo e até mesmo sem a capacidade de expressá-lo.” (Elias, 1982, p. 16), o que faz com que a morte seja um privilégio ou um pesadelo, conseqüentemente, ambos aterrorizam tanto idosos quanto jovens, pois uns temem que morram sem aproveitar a vida como deveria, e outros a desejando pela cansada caminhada, mas com algumas dúvidas em mente, como: “-será que vivi como deveria?”, ou “-será que fui suficiente para meus familiares e amigos?” ou até mesmo, “-fiz a diferença no mundo?”. Questões estas que raramente são respondidas, já que a maioria normalmente expressa suas gratidões após a morte de seus entes queridos.

Dessa maneira, compreendemos as críticas que a autora Olga Tokarczuk em sua obra *Sobre os ossos dos mortos*, traz a essência do mistério para que continuemos a leitura, que nos conduz a termos uma retomada de questões que refletem em nós mesmos, isto é, pautando o que a contemporaneidade exala, coloca o homem como centro, e assim possa com mais vigor tratar de situações esquecidas no mundo. Por isso, a leitura dessa obra se torna tão prazerosa e auto reflexiva, mostrando que os “velhos” são muito mais do que habitualmente os enxergamos, e que se trouxermos essas novas lições para nossas vidas, podemos fazer melhor e mais para aqueles que anteriormente fizeram tanto por nós.

4 Considerações finais

Como o foco central da discussão é o condicionamento das pessoas para a solidão ao ficarem mais velhas, percebemos que a obra nos leva a várias outras questões também importantes, mostrando a qualidade na escrita da autora Olga Tokarczuk em *Sobre os ossos dos mortos* (2019), questões essas geradoras de

outras questões, que faz o leitor perceber e se identificar, fazendo a diferença em sua própria vida após lê-la. Com isso, entendemos como é conduzida a escrita, trazendo consigo partículas encontradas em outras obras de grande valia, levando o leitor a perceber essas ligações para que facilite a compreensão, pois como é de característica literária e principalmente contemporânea, a obra nunca dirá tudo e para entender a fundo, devemos analisar o pensar da personagem Janina Dusheiko, e só tendo essa característica contemporânea para termos acesso a esses detalhes que fazem a diferença para o entender da obra.

Posto isso, analisamos o título do livro *Sobre os ossos dos mortos* em tudo quanto tratamos, pois de imediato identificamos que os ossos desses mortos são dos animais, que por esse motivo leva à morte de pessoas, mais especificamente os que fazem parte de um grupo de caça, que Janina repudia, levando a reflexão de como o ser humano falta com respeito pelos animais e muitos mais pela natureza, fazendo termos a empatia para com os mesmos, e de alguma forma a autora usa a estória para induzir os leitores a mudarem suas atitudes se caso fizer o mesmo que os caçadores.

Portanto, com a leitura podemos entender a importância dos idosos para a sociedade em que vivem, pois a bagagem de saberes que carregam são ricas de valores para qualquer pessoa em diferentes idades, ensinamentos que perpassam de geração em geração, mostrando que os idosos, mesmo não dando-lhes o valor cabível, são importantes e um único conselho pode mudar a vida de alguém, mesmo eles morrendo sem saberem disso. E assim, entendemos a importância do falar e do demonstrar com atitudes, porque a vida passa e com ela vão as pessoas que deveriam ser eternas pelo tanto de conhecimentos que levam consigo para a sepultura, e como nunca temos tempo para eles, acabamos por não conhecermos as suas ricas experiências de vida.

Referências

ANDERSON, P. Primórdios. In: ANDERSON, P *As origens da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, primeira edição, 1999.

CALVINO, I. Por que ler os clássicos?. In: CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos seguidos de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982

GONÇALVES, E. *Solidão e autoconhecimento em Lygia Fagundes Telles: a velhice na berlinda*. Dissertação de Mestrado. UNEMAT. Tangará da Serra, 2012, 116 p.

LISPECTOR, C. Feliz aniversário. In: LISPECTOR, C. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

TOKARCZUK, O. *Sobre os ossos dos mortos*. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2019.